

Cientista preocupa-se com a pesquisa básica

Naftale Katz, 45 anos, diretor do Centro de Pesquisa René Rachou, da Fundação Oswaldo Cruz, participa ativamente da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Como cientista, ele preocupa-se, além dos temas gerais do encontro, com a questão da pesquisa científica no Brasil, em especial na área médico-farmacológica.

Katz estuda a esquistossomose e dirige um dos centros de pesquisa da renomada Fundação Oswaldo Cruz, sempre preocupado com o desenvolvimento de tecnologias brasileiras, capazes de livrar o País da enorme dependência externa. Afinal, mais de 80 por cento das indústrias de produção de remédio atuantes no País, são, multinacionais.

O cientista espera que, com a retomada do País por seus cidadãos, a questão da pesquisa científica seja bem situada dentro de um contexto global, que não se descuide da questão da busca de ciência e tecnologia nacionais, na área da produção dos imunobiológicos e dos fármacos.

A questão do conhecimento da flora nacional, num momento em que a medicina alopática parece em crise (vide o entusiasmo do País com o tratamento de augusto Rushi pelos índios Sapaim e Raoni), é vista, por Katz, de forma abrangente:

— O descrédito dos fármacos tem duas razões principais: primeiro, a produção de mais de 20 mil marcas de medicamentos, quando sabemos que 300 são suficientes para o tratamento de 95 por cento das doenças. Segundo, o mau uso de fármacos, que chega, no Brasil, ao ponto de se usar produto proibido em outros países.

Quanto ao privilégio da medicina alternativa, pregado por crescentes setores da população, Katz comenta: "Devemos prestar atenção nos conhecimentos oriundos de nossas tradições culturais populares, mas desde que, antes de serem usadas, passem pelo crivo da avaliação científica. Se isto não for feito, caímos na mitificação da cultura popular e indígena, como se eles detivessem a salvação para todos os males".

A experiência chinesa é, para Katz, a mais rica, no sentido do aproveitamento da medicina tradicional e popular. Eles mantêm institutos de pesquisas que estudam, cientificamente, as tradições milenares da medicina chinesa. Cabe a estes institutos analisarem as plantas e técnicas utilizadas, a ponto de reconhecer, nelas, o valor científico. Por isto, quando o chinês chega ao centro médico, ele pode escolher se quer

atendimento segundo a medicina tradicional ou a "ocidental".

O ideal, para o cientista, é que o Brasil chegue a este modelo. Ele entende, porém, que será gasto certo tempo até que haja uma real recuperação do projeto de medicina para todos, pregado pelas associações médicas. Afinal, destaca, as escolas de Farmácia, de nível superior, foram transformadas em meras formadoras de "controladores de drogarias".

Com o golpe de 1964, vários institutos de pesquisa foram desmantelados. O de Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, por exemplo, foi uma das grandes vítimas. Hoje, a perseguição aos cientistas chegou ao fim. Mas infelizmente, constata Katz, "em determinados setores, nosso desenvolvimento científico retardou em 40 anos, já que nas duas últimas décadas a medicina avançou com velocidade espantosa".

Mesmo assim, destaca Katz, graças ao esforço pessoal de muitos cientistas, não paramos no tempo.

— O Brasil situa-se em posição intermediária entre os países subdesenvolvidos e os superdesenvolvidos, como os Estados Unidos, a União Soviética e nações européias. Desenvolvemos importantes trabalhos na Fundação Oswaldo Cruz, em universidades (em especial na Unicamp e UFMG) em grupos isolados. Se a Ceme (Central de Medicamentos) retomar seu papel original de pesquisadora de fármacos brasileiros e deixar de ser mera repassadora de remédios, e o CNPq e a Finep continuarem colaborando com os pesquisadores, em breve, recuperaremos o tempo perdido e daremos impulso aos projetos onde o esforço pessoal de determinados cientistas não deixou o País se atrasar.

O fato de, hoje, não contarmos, entre as personalidades admiradas pelos cidadãos comuns, com nenhum grande nome na área das ciências médicas, ao contrário de outros tempos, quando Oswaldo Cruz e Carlos Chagas brilharam, é preocupante?

— Não — responde Katz. Afinal, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas não foram reconhecidos por seus contemporâneos. Quem consultar a imprensa da época de Cruz verá que ele era ridicularizado em charges e houve momentos em que foi execrado pela população. O reconhecimento de ambos foi póstumo. Isto acontece, sempre, com os grandes homens, que estão sempre à frente de sua época. Temos grandes brasileiros que estão mergulhados em suas pesquisas e que não gozam do reconhecimento merecido.